

Banca

Defense

Junta



Debora Pazetto

Universidade do Estado de Santa Catarina

E-mail: deborapazetto@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7837-027X>

Kamilla Nunes

Universidade do Estado de Santa Catarina

E-mail: nunes.kll@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8818-1357>

RESUMO

Este ensaio visual começou como uma leitura performática feita por Debora na banca de doutorado de Kamilla [julho/2022], como parte de sua pesquisa sobre dispositivos | espaços universitários enquanto plataformas performáticas. Em seguida, Kamilla adicionou imagens específicas para este espaço-gráfico: desenhos de desenhos, escritas de desenhos, escritas de escritas, desenhos de escritas.

Palavras-chave: *Imagem. Corte. Palavra. Faca. Política.*

ABSTRACT

This visual essay began as a performative reading made by Debora at Kamilla's oral defense [July/2022], as part of her research about academic spaces/devices as performance platforms. Afterwards, Kamilla added specific images for this graphic space: drawings of drawings, drawings of wrtintings, writings of writings, writing of drawings.

Keywords: *Image. Cut. Word. Knife. Politics.*

RESUMEN

Este ensayo visual comenzó como una lectura performativa realizada por Débora en el comité doctoral de Kamilla [julio/2022], como parte de su investigación sobre dispositivos |

Los espacios universitarios como plataformas de actuación. Luego, Kamilla añadió imágenes específicas a este espacio gráfico: dibujos de dibujos, escrituras de dibujos, escrituras de escrituras, dibujos de escrituras.

Palabras clave: *Imagen. Corte. Palabra. Cuchillo. Política.*

Artigo recebido em: 05/06/2023

Artigo aprovado em: 26/09/2023

pós:



Kamilla Nunes

Debora Pazetto

Este ensaio visual começou como uma leitura performática feita por Debora na banca de doutorado de Kamilla [julho/2022], como parte de sua pesquisa sobre dispositivos | espaços universitários enquanto plataformas performáticas. Em seguida, Kamilla adicionou imagens específicas para este espaço-gráfico: desenhos de desenhos, escritas de desenhos, escritas de escritas, desenhos de escritas.

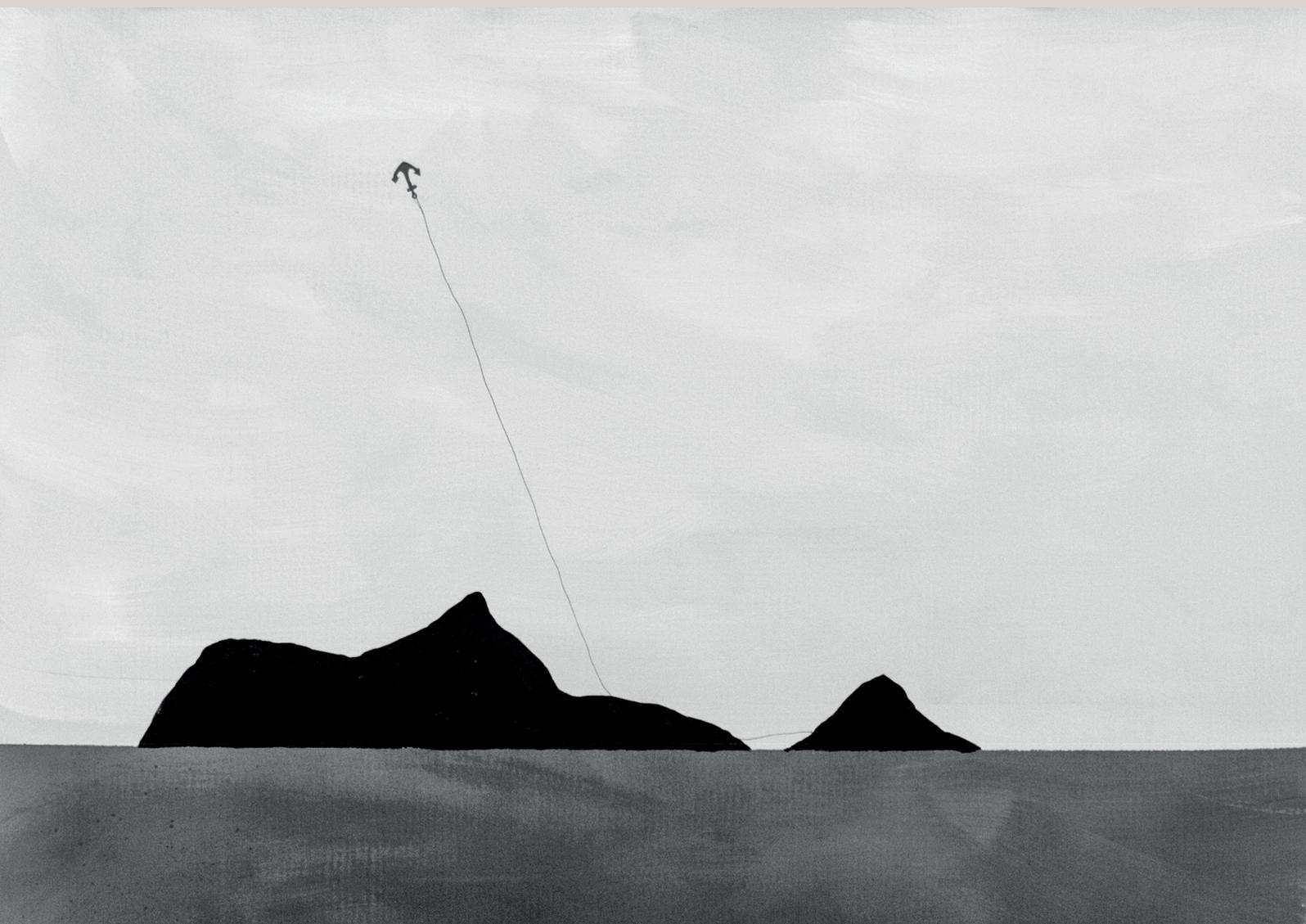
Não é fácil escrever essa carta. Ela começou como um poema, um poema longo. Eu tentei torná-la um ensaio, mas o resultado foi madeira, frio. Eu ainda não desaprendi as merdas esotéricas e pseudo-intelectualizadas da lavagem cerebral universitária na minha escrita.

Como começar de novo. Como chegar perto da intimidade e da proximidade que quero. Que forma? Uma carta, óbvio. [Glória Anzaldúa]

Uma carta, óbvio. Tomo emprestada a solução de Glória na carta que era bibliografia de uma das minhas aulas. Como na ocasião você, além de aluna, era amiga, te confessei algumas horas antes que não sabia dar aula sobre essa carta, porque não há nada que eu poderia dizer além das palavras que já estão nela. Você respondeu: então não diga, posso conduzir uma prática, e conduziu, pinçando uma frase da Glória como estímulo para uma pesquisa gestual. São muitas as frases devastadoras, mas você escolheu: *se você cuspir no olho do mundo, tenha certeza de que o vento está a seu favor*. Uma dica para si, creio.

Filha de pescador sabe ler vento

pode cuspir.



Nós duas lemos algumas autoras des-de-anti-pós-
-contra-coloniais e elas quase sempre trazem à
tona a necessidade de pensar-falar-escrever-criar
a partir da própria experiência. Nossa experiência
é modelada pela posição que nosso corpo ocupa
no mundo.

Neste mundo, não no
barbudo mundo metafísico. Neste mundo organi-
zado por gênero, raça, sexualidade, classe, religião,
território, idade, desempenho motor e cognitivo,
padrão estético. Nosso corpo habita e é habitado
por posições dentro desses campos simbólico-
-materiais. É o que diz a frase, de outro texto da
Glória, que já se tornou meu mantra: *toda pessoa
escreve e lê desde o lugar em que seus pés estão
plantados, desde o solo que habita*. Nas minhas
aulas, essa frase vira uma alavanca para conversar
sobre nosso lugar-solo em relação àqueles cam-
pos simbólico-materiais, e sobre como ele afeta
nosso perceber-sentir-gostar-dizer-produzir-pen-
sar arte. Mas aqui podemos buscar os
grãos mais finos desse solo.

Já te escrevi, a partir dessa mesma frase

que os teus pés estão
plantados em uma ilha

que a ilha está ancorada no ar
e o ar está irrespirável.

Teu corpo responde a esse solo – ser uma artista
contemporânea brasileira sapatão nascida e finca-
da na ilha de Santa Catarina durante um governo
fascista – delirando imagens e palavras sob efeito
de imagens e palavras.

Mas como o meu corpo, plantado quase no mes-
mo canteiro, responde ao teu delírio?

O solo, além de ser feito dos campos simbólico-ma-
teriais que organizam as opressões e os privilégios
no capitalismo atual, é feito de histórias de vida.

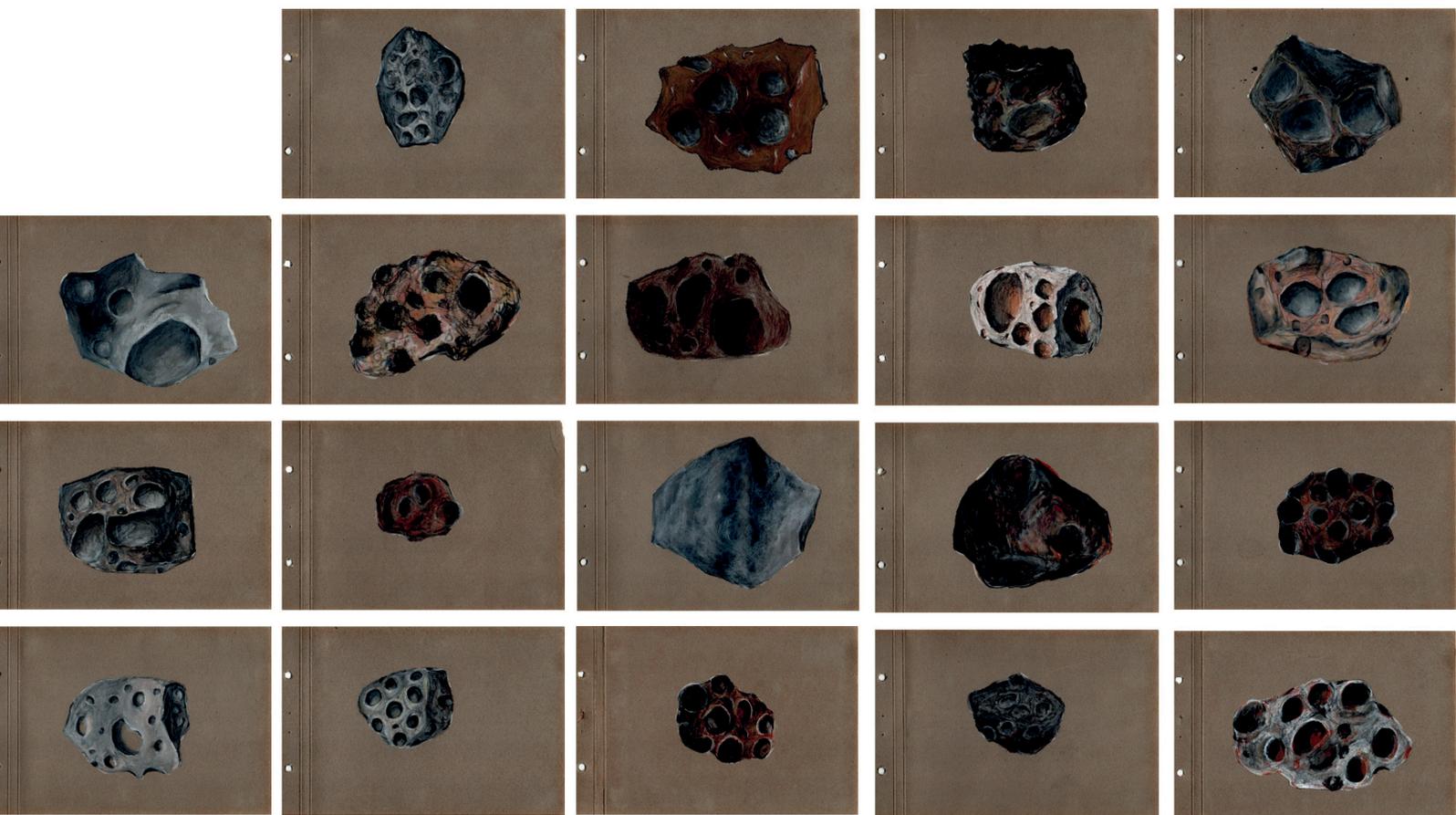
Toda pessoa escreve - lê - pensa - sente - cria - per-
cebe arte desde sua história de existir aqui, em meio
a esse tempo-local [perigoso] em
meio às relações que a atravessam.

Então como meu corpo pode responder ao teu de-
lírio no espaço formal de uma banca de doutorado

apertado entre [claustrofobia] os

pressupostos de objetividade-neutralidade-im-
parcialidade que modelam a academia e a própria
ideia hegemônica de conhecimento?





É uma banca de defesa Kamilla se você precisa defender sua tese eu devo atacar
ainda bem que você tem luvas de boxe e sei que bate forte

Percebe? Essa performance avaliativa não nos comporta. É impossível e, pensando bem, até ridículo eu fingir que não te conheço desde os 17 anos; que não fizemos faculdade juntas; que não conheço tua família; que não tivemos a mesma analista; que não passamos por tantas festas, ciladas, bares, viagens, conversas tolas, conversas íntimas, brigas, porres, delírios e até mesmo traumas; que não era meu o riso na tua primeira crise de pânico, descrita na tese; que não sei os nomes de alguns meteoros na tua garganta. Então como nesse solo, posso bancar esse desfile?

[uma banca é um desfile]

se alguém tivesse me dito que seria assim

eu não teria acreditado

guerras civis

crise econômica

fim do mundo

eu e você

sobrevivemos a tudo isso

entre as nossas guerras

civis

as nossas crises

econômicas

os fins

dos nossos mundos

as separações

eu

no meu mundo

você

algures

se alguém tivesse me dito que seria assim

eu não teria acreditado

vinte anos

algumas guerras

aquecimento global

um golpe

outro golpe

eu e você no mundo

[Adelaide Ivánova]

— HOJE
FICAMOS
POR AQUI

CLAUSTROFOBIA

Em desfiles, o excesso é a máscara de alguma falta. Uma vez fiz performance em uma banca. Dessa vez estou simplesmente tentando existir e trabalhar, mas a banca se insiste enquanto cenário performático. Isso aqui, membros titulares internos e externos, membros suplentes, prazos, minutos contados, gostaria de começar agradecendo o convite, Kamilla e Raquel Stolf, a ata que será lida depois, te aprovando, todas nós já sabemos, a obtenção do título de doutora em artes visuais, as palmas, o sorriso da banca de trabalho cumprido em dia útil, o teu sorriso de alívio, bem mais largo, enquanto não for encurtado pelas rugas da versão final para a biblioteca e da dúvida sobre o que se faz, afinal, com esse título. Tudo isso é um cenário performático que ativamos como participantes-interatoras.

Uma parte da tua tese eu li em uma mesa da Itaipava, distraída entre a caipirinha da dona Santa e uma conclusão de conclusões inconclusas somente com textos de fim, eu ia lendo e grifando algumas coisas com marcador amarelo, anotando outras com caneta preta. Detesto canetas abertas, grifo e

fecho lendo aquela última promessa depois de uma discussão de relacionamento, conheço isso tão bem, meu corpo esperando o click, o encaixe perfeitamente sonoro do relacionamento entre

a tampa e a caneta

mas aconteceu a ausência

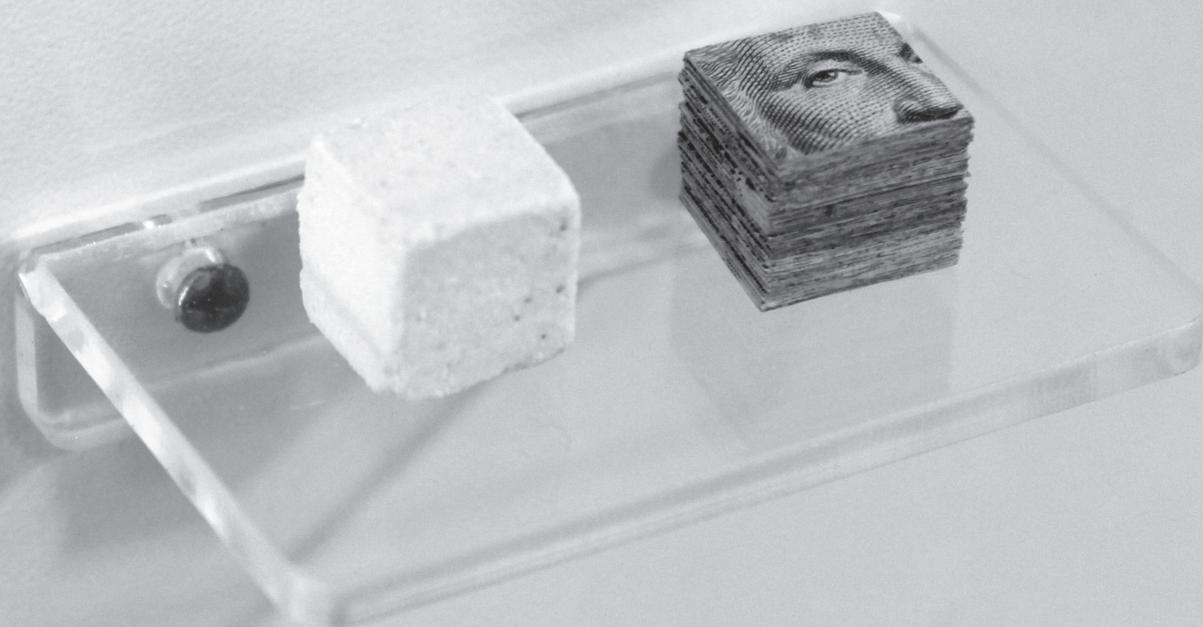
do click



porque a tampa da caneta preta estava no marcador amarelo. A perplexidade que isso provocou no meu corpo e na tua frase esses pequenos momentos de fim, que são também de corte, o corte que é o procedimento que tenho usado na tese. O desencaixe. O corte. A ruptura do previsto, do pres sentido.

O desencaixe entre a amiga que conheço há anos e seus pedaços ocultos aparecendo na tese. O corte do hábito. A ruptura entre o corpo e a escritura. A torção das ficções antigas por ficções novas. Reli o texto que escrevi há quase dois anos para o catálogo da tua segunda individual. Na época, eu estava muito preocupada com as tuas crises de pânico. Talvez por isso tenha argumentado que *Crises* é o epicentro da tua produção, o núcleo neural que a condensa no menor espaço material, formal e simbólico.

Dois cubos minúsculos, duas pílulas, dois dados, duas sementes – aí se condensam os assuntos que aparecem em toda a trajetória da artista: o transtorno psíquico e a crítica do capital, separáveis apenas enquanto lentes analíticas diferentes para perceber a mesma catástrofe. Se *Crises* for pensado como ponto de inflexão ou semente dos trabalhos anteriores à pandemia, do cubo de dólar germinam *Vidraça*, *Área limitar*, *Deu no jornal*. Do cubo de Rivotril germinam *Autoajuda*, *Angústia*, *Claustrofobia*, *Hoje ficamos por aqui*, *Frases de corte*. É um novo corte – pandêmico, não psicanalítico – que faz tudo frutificar em *Quando tudo isso acabar*. Os trabalhos anteriores reaparecem na agilidade dos diários e dos nanquins.





nós

nós

nós

nós

nós

nós

nós

[uma poda é um corte que frutifica]

Quando tudo isso acabar é uma série de imagens de corte. Não sabemos quando vai acabar nem em que consiste o tudo-isso, mas, a cada dia, ficamos por aqui. Cada imagem jorra do nosso consciente coletivo. Cada imagem encerra a sessão analítica de um dia. Cada imagem faca, flecha, anzol, ponta de lança.

Um texto ou uma imagem pode ser uma arma – de Emma Goldman a Mano Brown – porque toda guerra é ideologia materializada em armamento e subjetividade. Por isso, o conjunto perturbador de 288 imagens corta em duplo sentido, acusando a inseparabilidade entre dólar e Rivotril. Cada imagem escorega da ponta do psíquico para chegar no flanco do político com a faca amolada.

[Debora Pazetto]

Entre o teu pânico e o meu torcicolo crônico, a tua compulsão e a minha insônia, nós nos encontramos na compreensão do pessoal como política farmacopornográfica e no desejo de explodir tudo com palavras, por enquanto, com aulas, por enquanto, com imagens, por enquanto

[se precisar pintar eu pinto]

[se precisar eu .]

É verdade que abusei das armas nesse texto e, segundo teu clichê freudiano preferido, isso fala mais sobre mim do que sobre você. Tudo que eu disser-escrever aqui fala mais sobre mim? Então pra quê uma banca? Para que o nosso encontro possa revelar algo em

[nós]

sobre/sob o mundo e sobre/sob arte.



e então há nós... nós não é um sujeito... tampouco uma multidão... nós é uma massa de mundos infraespetaculares... os perversos... os transbordantes... as corporeidades rebeldes... em suma: todos aqueles que, seguindo sua linha de fuga, não se encontram confortáveis na tibieza climatizada do paraíso imperial [Tiqqun]

ou então

comprar umas armas... roubar os bancos... usar as armas e roubar mais armas... render os policiais e abrir as grades... tomar o quartel e render os guardas... chamar o povo e tomar a cidade [Don L]

ou então

conhecimento de química e combinação de cores... domínio da arte da caligrafia e de copiar letras... falsificar documentos... guerra psicológica... guerra de nervos... propaganda clandestina... confundir a polícia... ser imaginativo e criativo... para compensar o fato de que não tem suficientes armas, munições e equipe [Mari-ghella]

Lembrei de todas essas armas facas cacos guerras flechas anzóis pontas de lança quando li, na tua apropriação de frases de bandeira do #coleraalegria em forma de lista, *a felicidade é uma arma quente*, porque lembrei que essa frase foi antes apropriada da música de Belchior, que foi apropriada da música dos Beatles, *happiness is a warm gun*, escrita por John em 68 a partir de uma frase que ele apropriou de uma capa de revista sobre armas, mas na capa da revista, arma não era metáfora, falava-se literalmente do prazer de ter uma arma quente nas mãos, ou seja, depois de se ter disparado com ela, numa época em que começava a grande disponibilidade de armas nos EUA, e hoje eu li que 1.006 clubes de tiro abriram no Brasil durante o governo atual, quase um clube por dia.

Como um casal de mulheres pode ter força para andar de mãos dadas nesses tempos de ódio? A felicidade simples de andar de mãos dadas. A felicidade é uma arma quente. Entre a bandeira do #coleraalegria, na qual a frase tem um sentido próximo de *sem tesão não há revolução*, dos gritos nas manifestações, ou de *uma mulher negra feliz é um ato revolucionário*, da Juliana Borges, ou de *lésbicas são*

felizes, da Leíner Hoki, e a frase boçal da revista, passando por John, pela morte de John, baleado, por Belchior e pelo Brasil de hoje, há um conjunto de deslocamentos e apropriações que são tua camisa de força invertida. É invertida, porque não amarra o sujeito a si próprio, mas o liga ao outro, outra, outre. Do mesmo jeito que teu trabalho busca em outras pinturas-grito um ponto de apoio, um braço compartilhado.

Voltando às apropriações: você faz uma das perguntas que mais me abala enquanto teórica: há diferença entre a apropriação que um artista faz de uma imagem publicada em um jornal e a apropriação que o mercado faz da imagem que o artista gerou a partir da imagem do jornal? Você aposta na potência de uma imagem artística mesmo quando ela é convertida em boné ou camiseta, como a bandeira-poema de H.O., eu discordo, penso no Che Guevara do Cláudio Tozzi, atacado e destruído em 1967, convertido hoje em ícone pop ou turístico, mas não é isso que importa [a tua escrita já desliza de problema] e sim uma subsistência intelectual e poética que enfatiza, afinal, o processo de criação – existir sob um processo de criação. Aliás, você começa os textos de corte falando sobre isso meus trabalhos são elaborados a partir de processos etc passo meus dias tensionando discursos impenetráveis etc etc e eu acho que deveriam começar quando você fala sob isso, ou seja, em a verdade é que sempre me sentei de perna aberta, porque antes é pseudo-intelectualismo universitário, como diz a Glória. Depois o texto vai ficando cada vez mais honesto e gostoso, até quando é sofrido ou raivoso – isto é um texto gostoso, eu anotei na página 212, lembrando da Mira ao lado do teu relato sobre a serra tico-tico, o gol verde-água do avô e a microrretífica que explicam *Vidraça*. É honesta e gostosa tua opção por não explicar conceitualmente [e pedantemente] os trabalhos, mas contar as histórias das ideias que surgem no café da manhã com a Aline, jogando canastra, na sessão de análise, caminhando na praia. O conhecimento vasto de artistas e livros é bem presente, mas aparece corporificado, sensibilizado pelas tuas vidas e memórias. Artista da escrita. Até as fotografias de abraço, até os desenhos de ilhas surgem de poema, de frase de livro, de palavras-título que produzem imagens.

Ganhei uma tico-tico, uns punhados de parafuso, uma lixadeira, uma caixa cheia de coisas inúteis naquele momento mas que um dia poderiam ser utilizadas para fazer qualquer tipo de reparo, como construir o pé de um micro-ondas que, por ventura, pudesse quebrar em alguma das mudanças que ainda faríamos - já tinham sido quatro desde que saí da casa dos meus pais. No quartinho dos fundos montei um ateliê “sujo” para trabalhar com madeira, pedras e coisas que fazem poeira e deixam muitos restos. Tenho mania de esticar o pescoço para ver o que as pessoas jogam nos papa-entulhos por aí, porque qualquer coisa pode interessar, se lixar bem, cortar uma parte, adaptar outra, fica “novo” ou, pelo menos útil, em último caso fica ali do lado do ateliê, esperando. Quando me mudei pela quinta vez doeí mais de tonelada de tudo que era tipo de coisa catada. Nisso me pareço com meu avô, que tem pelo menos cinco relógios de parede - mais que o Felix González-Torres -, todos marcando o mesmo horário, pendurados cada um numa porta do armário que ele colocou na garagem onde também guarda um gol verde água que precisa ligar de vez em quando para não acabar a bateria, potes de Lac-Lelo, uma manteiga misturada com margarina, lacres de sacos de pão esticados e colocados dentro de um potinho de maionese que ele

tirou o rótulo depois de deixar de molho na água para não ficar o pegajoso da cola, e ah, não posso esquecer das varas de bambu que ele usava para fazer pipa e que deixa lá, unidas por um elástico, cortadas em exatas medidas para, quem sabe um dia, servir de suporte para um papel de seda, que vai voar, quem sabe um dia, no céu de São José. Tudo isso para dizer que se tinha tanta coisa nos fundos da casa, um ateliê que poderia fazer até uns artesanatos, se quisesse, porque não comprar uma microrretífica? Com uma microrretífica poderia fazer minúsculas esculturas, ou gravar o que quisesse em vidro, garrafas, pedras. Toda vez que andava pelo centro ficava olhando as pedras portuguesas esquecidas nos cantos, pretas, brancas e vermelhas. Por que me incomoda uma pedra num canto? Pelo menos é útil nas manifestações, quebra vidraça de banco. Os bancos cafonas que dão para os clientes cristais gravados com o desenho da ponte Hercílio Luz para deixar na mesa da sala, ao lado do livro com fotografias estonteantes das - quantas mesmo? - praias de Florianópolis, que estão quase todas impróprias para banho. E se a gente pegar essas pedras, patrimônio histórico da cidade, e gravar nelas as logos dos maiores bancos do mundo? Elas vão se parecer com um souvenir. Devem se chamar vidraça, então. Sim, precisam de uma utilidade maior que servir de tropeço.

QUEM OU O QUÊ DETERMINA

AQUI NESSAS PÁGINAS

A METADE QUE É IMAGEM E A METADE QUE É TEXTO?

Porque a escrita acumula desenhos do mesmo modo que desenhos acumulam escritas

Mas como ler um desenho? Desenhar uma escrita? Escrever uma escrita? Desenhar um desenho? Ler uma escrita? Escutar uma linha? Escrever uma linha? Inscrever?

Há uma década e metade, você que não sabe desenhar, que não sabe escrever, escreveu um artigo sobre desenho na aula de modelo vivo, que finalizou com peguei uma caneta nanquim, fiz um risco na parede já rachada de fora a fora, uma duração de quatro metros, no final escrevi "tortas as linhas pesam".

Metros de duração das tuas torções é a que mais gosto.

Quando é o limite?

Houve um tempo em que se usava nos livros papel de seda para separar as palavras e as imagens ...
[Ana Martins Marques]

QUA ND, O É COR TE?

[um ONDE escondido no quando
girando no sentido horário]

[a cor, escondida também, você é uma artista PB]

[uma vírgula escondida num acento]

A torção do local pelo tempo.

Do texto ao tempo, do fascismo à pandemia, eu te vi num jogo de avanço e recuo entre o tempo pessoal e o tempo político. Intuir a temporalidade da existência – problema metafísico primário de Santo Agostinho a Arnaldo Antunes. Contra o tempo cronológico da sucessão de minutos, o tempo existencial é REC OME ÇAR, é AGORA, é QUANDO tudo isso acabar, é HOJE ficamos por aqui, é HAY QUE SEGUIR sonhando. Quando, hoje, agora, seguir, são lastros poéticos de um tempo no qual os dias têm escorrido pelas mãos ou vazado dos calendários.

No *tempo perigoso*, o presente só existe enquanto afirmação radical da presença. Não podemos segurar o agora, porque o agora já passou, mas [nós] estamos aqui, ancoradas no presente, como testemunhas, vítimas e cúmplices da catástrofe.

Não é incrível que estamos vivas? [vinte anos algumas guerras aquecimento global um golpe outro golpe] É junto às torções do local pelo tempo, da escrita pela imagem, do presente pela presença, do pessoal pelo político que o nosso olhar se instala



como uma faca que corta o pão e o real
o mundo mental também é real
é tudo real
é duplo do real
(a mesma faca que corta
o pão também corta o real
duplica) continua o real
quase como quem diz
“ela também serve para passar
requeijão no pão”
mas não sei se ela serve para nos explicar
o que nós estamos fazendo aqui
nesse real que é de papel e letras impres-
sas
nesse real publicado e passado pra frente
como um presente para o futuro
– e haverá futuro pós-bolsonazi?
atenção essa não é uma pergunta retórica
–
é o que eu continuo me perguntando
eu continuo lendo e me perguntando
[Érica Zíngano]

[concordamos que é com ideias de futuro
e continuidade, ainda que em retalhos,
que ficamos por aqui
com um fim

que não acaba]

EE
SS
CC
AA
PP
EE

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Glória. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

PAZETTO, Debora. Ainda não acabou. In: NUNES, Kamilla. **Quando tudo isso acabar**. Florianópolis: Cais Editora, 2020.

NUNES, Kamilla. **Hoje ficamos por aqui**. 2022. 500 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

IVÁNOVA, Adelaide. **13 Nudes**. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2021.

TIQQUN. **Contribuições para a guerra em curso**. São Paulo: N-1 edições, 2019.

PÂNICO de nada. Intérprete: Don L. In: Roteiro para Ainouz, Vol. 2. Intérprete: Don L. [S. l.: s. n.], 2021.

MARIGHELLA, Carlos. **Manual do guerrilheiro urbano**. 2023. Disponível em: www.sabotagem.revolt.org. Acesso em: 15 out. 2023.

MARQUES, Ana Martins. **O livro das semelhanças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ZÍNGANO, Érica. Dez instantâneos para IVI – à guisa de pós-fax. In: IVÁNOVA, Adelaide. **13 Nudes**. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2021. p. 56-83.

LEGENDAS

p.2 | A casa era uma ilha ancorada pela paisagem. Tinta acrílica e spray sobre papel, 100 x 70 cm, 2021;

p.3 | TEMPO PERIGOSO. Tinta acrílica e serigrafia sobre tecido oxford, concreto celular e madeira, dimensões variáveis, 2021;

p.4 | CAUSAS. Desenho e cerâmica, dimensões variáveis, 2022;

p.5 | HOJE FICAMOS POR AQUI. Acrílica sobre tela, sete pinturas de 23 x 19 cm cada, 2019;

p.6 | CLAUSTROFOBIA. Nanquim sobre papel, A3, 2018;

p.6 | O excesso é a máscara da falta? Performance e instalação, sacos de papel kraft, tinta acrílica e madeira, dimensões variáveis, tempo variável, 2022;

p.7 | CRISES. Dois cubos de 1 x 1 x 1 cm, um feito com nota de US\$ 1,00 e outro com Rivotril e gesso, 2019;

p.8 | Nós. Gabi Bresola e Kamilla Nunes. Carimbo medindo 15 cm x 15 cm x 10 cm, em madeira e polímero. Edição ilimitada, 2020;

p.9 | Camisa de força para tempos de ódio. Aline Natureza e Kamilla Nunes. Desenho sobre papel, A3, 2018;

p.10 e 11 | NUNES, Kamilla. Hoje ficamos por aqui. Tese de doutorado. Florianópolis, SC, 2022, p. 212;

p.12 | NUNES, Kamilla. Hoje ficamos por aqui. Tese de doutorado. Florianópolis, SC, 2022, p. 270;

p. 12 | AGORA. Balão metálico, linha e chumbo de pesca, dimensões variáveis, 2022;

p.13 | ESCAPE. Aline Natureza e Kamilla Nunes. Corte a laser em acrílico preto, dimensões variáveis, 2021.

Debora Pazetto é professora no curso de Artes Visuais e na linha de Processos Artísticos Contemporâneos do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Udesc. Graduada em Filosofia (UFSC) e em Artes Visuais (UDESC), com mestrado e doutorado (UFMG/ Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne) em Filosofia da Arte. Coordenadora do NUDHA - Núcleo de Diversidades, Direitos Humanos e Ações Afirmativas do Ceart/Udesc, e do GRUDHA, grupo de pesquisa/ coletivo artístico. Udesc, av. Madre Benvenuta, 200, Itacorubi, Florianópolis, SC, 88.035-901. E-mail: deborapazetto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7837-027X>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8292039196009295> Florianópolis, Brasil.

Kamilla Nunes é artista, editora e curadora, doutora e mestre no Programa de Pós-Graduação do Ceart/Udesc, graduada em Artes Plásticas pela mesma universidade. Em sua pesquisa artística, busca friccionar campos do conhecimento, como a psicanálise e a literatura. Interessa perceber como os sistemas de linguagens se revelam, quais relações existem, hoje, entre o indivíduo e o coletivo, entre o pessoal e o político. E-mail: nunes.kll@gmail.com; site: kamillanunes.com; Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3356265691429630>

Debora Pazetto
Universidade do Estado de Santa Catarina
E-mail: deborapazetto@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7837-027X>

Kamilla Nunes
Universidade do Estado de Santa Catarina
E-mail: nunes.kll@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8818-1357>

Artigo recebido em: 05/06/2023
Artigo aprovado em: 26/09/2023

DOI: <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2023.46427>

RESUMO

Este ensaio visual começou como uma leitura performática feita por Debora na banca de doutorado de Kamilla [julho/2022], como parte de sua pesquisa sobre dispositivos | espaços universitários enquanto plataformas performáticas. Em seguida, Kamilla adicionou imagens específicas para este espaço-gráfico: desenhos de desenhos, escritas de desenhos, escritas de escritas, desenhos de escritas

Palavras-chave: Imagem. Corte. Palavra. Faca. Política.

ABSTRACT

This visual essay began as a performative reading made by Debora at Kamilla's oral defense [July/2022], as part of her research about academic spaces/devices as performance platforms. Afterwards, Kamilla added specific images for this graphic space: drawings of drawings, drawings of wrtintings, writings of writings, writing of drawings.

Keywords: Image. Cut. Word. Knife. Politics.

RESUMEN

Este ensayo visual comenzó como una lectura performativa realizada por Débora en el comité doctoral de Kamilla [julio/2022], como parte de su investigación sobre dispositivos | Los espacios universitarios como plataformas de actuación. Luego, Kamilla añadió imágenes específicas a este espacio gráfico: dibujos de dibujos, escrituras de dibujos, escrituras de escrituras, dibujos de escrituras.

Palabras clave: Imagen. Corte. Palabra. Cuchillo. Política.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Glória. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.
- PAZETTO, Debora. Ainda não acabou. *In*: NUNES, Kamilla. **Quando tudo isso acabar**. Florianópolis: Cais Editora, 2020.
- NUNES, Kamilla. **Hoje ficamos por aqui**. 2022. 500 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.
- IVÁNOVA, Adelaide. **13 Nudes**. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2021.
- TIQQUN. **Contribuições para a guerra em curso**. São Paulo: N-1 edições, 2019.
- PÂNICO de nada. Intérprete: Don L. *In*: Roteiro para Ainouz, Vol. 2. Intérprete: Don L. [S. l.: s. n.], 2021.
- MARIGHELLA, Carlos. **Manual do guerrilheiro urbano**. 2023. Disponível em: www.sabotagem.revolt.org. Acesso em: 15 out. 2023.
- MARQUES, Ana Martins. **O livro das semelhanças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ZÍNGANO, Érica. Dez instantâneos para IVI – à guisa de pós-fax. *In*: IVÁNOVA, Adelaide. **13 Nudes**. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2021. p. 56-83.